



O Pensamento da Escola de Frankfurt e a Comunicação em Paulo Freire: uma semelhança possível ¹

Luciana FREITAS ²

Simone Antoniaci TUZZO ³

Universidade Federal de Goiás – Goiânia – GO.

RESUMO

O século XX, conhecido como a Idade Contemporânea, foi o marco de grandes revoluções e inovações no mundo inteiro: a indústria ganha força, as tecnologias emergem, a arte é enaltecida, dentre outras coisas. Período de grandes conquistas, sem dúvidas, porém de enormes tragédias globais, foi neste período que ocorreram as duas grandes Guerras Mundiais. Ocorreram modificações nas estruturas culturais, políticas, sociais e econômicas, por conta dos conflitos causados pelo capitalismo. Na Alemanha a expansão do nazismo e do fascismo ganham força e modifica a vida na europa. E no Brasil, o Golpe Militar deu o tom na vida dos brasileiros. O presente trabalho traz um recorte do século XX enfocando o processo comunicativo do Pensamento da Escola de Frankfurt e a proposta de comunicação e educação no pensamento de Paulo Freire.

PALAVRAS-CHAVE: Frankfurtianos, freiriano, pensamentos, comunicação e transformação.

INTRODUÇÃO

Falar de relação educação e comunicação é falar ao mesmo tempo de um exercício, até certo ponto secular, sobre as possibilidades educativas dos meios de comunicação – podemos demarcar o percurso histórico desde o surgimento da imprensa e por conseqüência dos jornais, passando pelo cinema, radio e televisão, até os dias de hoje com a chamada revolução digital (Castell). No entanto, é também falar sobre a construção de um novo espaço transdisciplinar de conhecimentos, que procura nas fronteiras destes saberes conexões e consumo da informação e variedade dimensões tornou-se um produto fundamental para a sociedade.

¹ Trabalho apresentado DT 8 – Estudos Interdisciplinares do XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste realizado de 7 a 9 de junho de 2012.

² Mestranda em Comunicação da UFG, Luciana Barbosa de Freitas. e-mail: lubfreitasgoias@yahoo.com.br.

³ Orientadora do trabalho. Professora Efetiva do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFG, Profa. Dra. Simone Antoniaci Tuzzo. e-mail: simonetuzzo@hotmail.com.



Conhecemos e vivenciamos as transformações conseqüentes do desenvolvimento tecnológico e sua influência nos meios e processos de comunicação social. Estas transformações têm atingido cada vez mais um número maior de pessoas em menos tempo, provocando uma revolução digital que amplia e aprofunda as nossas capacidades comunicacionais renovando, entre outras coisas, os mercados, a indústria, as linguagens, os costumes, as reações e as práticas comunicativas, entre outras coisas.

Direta ou indiretamente a importância desta revolução pode ser sentida nos mais diversos esforços para definir este processo e seu impacto na sociedade. Sociedade da informação, do conhecimento, da comunicação, do espetáculo e tantas outras definições, com diferentes colorações teóricas que ampliam a importância dos meios de comunicação na construção das bases da contemporaneidade.

É deste contexto de transformações e resoluções que este trabalho propõe um recorte pontual, ou seja, refletir sobre a relação comunicação/educação ou educação/comunicação. Aqui o recorte também se faz na relação dos paradigmas propostos pela Escola de Frankfurt e pela construção do Pensamento de Paulo Freire, educador/comunicador que ao analisar as ciências da comunicação e da educação fez uma leitura crítica da sociedade, consciente de que nenhuma das duas ciências se faz à parte do seu universo de aplicação.

Também assim se faz os estudos da Escola de Frankfurt que, ao analisar o ambiente social em que os meios de comunicação de massa estavam inseridos também criou a relação de comunicação e sociedade numa imbricação indissociável. Assim, a educomunicação cria um novo campo, fronteiro mestizo e dos espaços possíveis entre comunicação e educação.

A FORMAÇÃO DA ESCOLA DE FRANKURT

Na Alemanha, a partir da segunda década do século XX, vários pensadores vindos de influências teóricas distintas se reuniram no que chamou de círculo de estudos frankfurtianos, impulsionados a criarem o Instituto para a Pesquisa Social em Frankfurt, a partir do forte desejo de autonomia e independência ao promoverem uma reflexão profunda sobre os motivos de o mundo europeu ter se desencantado.

O Instituto para Pesquisas Sociais tinha como líder Horkheimer (liderava uma linha crítica), substituído posteriormente por Adorno. Como orientação, seus pesquisadores adotaram um modelo, uma doutrina para suas atitudes. Modelo



inicialmente baseado na união do pensamento marxista e a psicanálise. Foi criado, também, um periódico para divulgar seus pensamentos, a Revista Pesquisa Social teve publicação garantida até o início da década de 1940.

Dentre os pesquisadores expoentes que se uniram com o objetivo de desenvolver o que eles chamaram de Teoria Crítica (uma abordagem com vistas a estudar os problemas do capitalismo moderno) se destacaram: Max Horkheimer, Theodor W. Adorno, Herbert Marcuse, Walter Benjamin, Leo Lowenthal, Franz Neumann, Erick Fromm, Otto Kirchheimer, Friedrich Pollok e Karl Wittfogel.

De acordo com MATOS (1993, p. 7), em seu livro *A Escola de Frankfurt: luzes e sombras do Iluminismo*, o Instituto de Pesquisa Social, em 1924, ligado à Universidade de Frankfurt (sede do Instituto), já dotado de autonomia intelectual e financeira, se fortalece cada vez mais sob os impulsos do movimento revolucionário e sua principal arma teórica (o marxismo).

Sob a influência das análises de Marx e de sua crítica à economia política burguesa, a Teoria Crítica da Escola de Frankfurt revela a transformação dos conceitos econômicos dominantes em seus opostos: a livre troca passa a ser aumento da desigualdade social; a economia livre transforma-se em monopólio; o trabalho produtivo, nas condições que sufocam a produção; a reprodução da vida social, na pauperização de nações inteiras.

Deste modo, o Instituto com vistas a preencher uma lacuna visível na universidade alemã (que era o estudo quanto à história do movimento trabalhista e socialista) se fortaleceu com a denominação de ‘Escola de Frankfurt’, por iniciativa de Félix Weil, em 1924. Seu primeiro diretor foi Carl Grunberg até 1930. A partir de 1931, Horkheimer (já com título acadêmico), líder atuante da Escola desde a criação do círculo frankfurtiano, assume a diretoria do Instituto até 1933 quando seus teóricos se preparavam para mover o Instituto para outro país, em busca de exílio, com a ascensão de Hitler ao poder.

O pensamento frankfurtiano se refugiou em Genebra, depois Paris e finalmente se instalou em Nova York, nos Estados Unidos, em 1935, tornando-se filiado da Universidade de Columbia (a Escola sofreu fortes influências ao ter contato com a sociedade de cultura de massa norte-americana). Seus teóricos regressaram a Alemanha na década de 1950, após a vitória de seus aliados que venceram a Segunda Guerra Mundial.



O CENÁRIO ALEMÃO

Para explicar o momento histórico vivido pela Alemanha foram várias abordagens feitas por historiadores, economistas dentre outros. De acordo com MATOS (1993), um cenário de incertezas econômicas e inflação crescente, ausência de um mercado para exportação, as forças políticas de extrema direita e as incapacidades das lideranças esquerdistas em formar alianças, após a derrota na Primeira Guerra Mundial, bem como a proibição de manutenção de um exército e o fim da Monarquia, que impulsionou a Proclamação da República.

Enfim, um momento de enfraquecimento dos sonhos revolucionários de grande parte da sociedade e o fortalecimento, bem como a vitória, do Totalitarismo – a ascensão do nazismo de Hitler que abriu caminhos para a perseguição e destruição de organizações e movimentos trabalhistas; o “milagre econômico” no pós-guerra a partir da Segunda Guerra Mundial; e o poder do stalinismo – entre os anos 20 até meados dos anos 70.

Os pensadores da Escola de Frankfurt reconheceram o valor das abordagens e análises apresentadas por economistas, historiadores e tantas outras que se fundamentaram para tentar explicar o cenário das desilusões e às transformações do mundo contemporâneo. Contudo, a Escola considerou as análises insuficientes para uma compreensão mais profunda dos motivos que levaram o fim dos sonhos e engajamento político revolucionário da sociedade.

Deste modo, os pensadores da Escola de Frankfurt fortaleceram seus estudos teóricos buscando clarear estas lacunas, como por exemplo, entender o enigma da ‘servidão voluntária’⁴ da grande maioria dos europeus. Assim, em busca de compreensões para suas inquietudes, os intelectuais frankfurtianos desenvolveram suas próprias análises de modo mais profundo e contundente.

Os pensadores da Escola de Frankfurt procuraram, portanto, entender o fenômeno do Totalitarismo, a Teoria Tradicional de Descartes, a dialética e epistemologia do pensamento marxista, o positivismo de August Comte, a modernização alemã, dentre outros estudos teóricos.

⁴ Servidão voluntária é explicada pelas seguintes indagações: “Por que os homens escolhem livremente seus próprios opressores? Por que a vítima se torna perseguidora de si mesma” (MATOS, 2001, p. 38).



O PENSAMENTO FRANKFURTIANO

O pensamento da Teoria Crítica se desenvolveu em forte oposição à Teoria Tradicional (desde Descartes, o que colocou o pensamento de filósofos tradicionais em tensão com o mundo do presente). Os teóricos frankfurtianos reconheceram que o iluminismo libertou o misticismo, mas acreditavam que acorrentou a razão. Por isso, criticavam duramente a ideia de que razão libertaria a humanidade e que a evolução tecnológica elevaria a sociedade.

A Teoria Crítica defendia a superação do diagnóstico levantado pelos frankfurtianos da situação caótica tanto política quanto econômica que os europeus viviam na época. Para os pensadores era necessário considerar que a existência social agia como determinante da consciência.

Por isso mesmo, os pensadores da Escola de Frankfurt não propunham ou anunciavam sua visão de mundo. Ao contrário, a luta era justamente para ultrapassar o subjetivismo e o realismo da Teoria Tradicional o que favoreceria a descoberta de novos conteúdos para a práxis histórica.

Para os pensadores frankfurtianos, o proletariado se perdeu ao permitir o surgimento de sistemas totalitários como o nazismo e o stalinismo por um lado, e a ‘indústria cultural’⁵ dos países capitalistas pelo outro lado. De acordo com MATOS (1993), a ‘indústria cultural’ de que tanto Adorno argumentava trazia elementos bem característicos do mundo industrial moderno e que exercia função específica, qual seja: ser portadora da ideologia dominante, a qual concede sentido a todo o sistema.

Após reflexões profundas, durante anos de pesquisas, os pensadores frankfurtianos fizeram duras críticas ao pensamento marxista. O que abalou uma das teses fundamentais do marxismo: que a revolução contra o capitalismo seria de responsabilidade histórica do proletariado.

Ora, para a Escola de Frankfurt, devido a diversos fatores políticos, sociais, culturais e principalmente econômicos, o proletariado não teve forças para atingir o ápice de sua revolução contra a ascensão do capitalismo, conforme idealizava o marxismo.

⁵ Indústria Cultural: termo cunhado por Adorno e Horkheimer em seu livro de 1947, a *Dialética do Iluminismo*. O termo tinha por objetivo substituir “cultura de massa”, que tinha por finalidade satisfazer os interesses dos detentores dos veículos de comunicação de massa.



O SURGIMENTO DO PENSAMENTO FREIRANO

O educador brasileiro Paulo Freire, nascido em 1921, descobriu sua paixão pela educação ainda em casa quando alfabetizado pelos próprios pais aos seis anos de idade. Na década de 1930 não aceitava ir à escola sem ter concluído e entendido a tarefa, era uma criança exigente consigo mesma. Nesta época já dava aulas para seus colegas de classe. Em 1940, ingressou na Faculdade de Direito, sendo esta a única opção que a Faculdade de Recife oferecia na área de Ciências Humanas.

Enquanto fazia Faculdade lecionava Língua Portuguesa, no Colégio Oswaldo Cruz. Não exerceu a profissão de Direito, cada vez mais apaixonado pela Educação se envolvia com outros educadores. Foi aí que juntos criaram o Instituto Capibaribe, uma instituição de ensino privado, na cidade de Recife. Nesta época, surgiu o convite para atuar no Conselho Consultivo de Educação do Recife, e, posteriormente assumiu a direção da Divisão de Cultura e Recreação, na mesma cidade, na década de 1960.

Foi também, na década de 1960 que Paulo Freire ingressou no concurso para Doutor em Filosofia e História da Educação. Em seguida, recebeu o certificado de Livre-Docente da cadeira de História e Filosofia da Educação de Belas Artes. Em meados da década de 1960, Paulo Freire participava do Programa Nacional de Alfabetização, em Brasília.

A consagração de Paulo Freire como educador progressista – a concepção da educação como ato político – aconteceu quando ele propôs, num relatório apresentado durante o II Congresso Nacional de Educação de Adultos, em 1958, uma filosofia da educação renovadora que teria como fundamento a consciência da realidade do cotidiano vivido pelos alfabetizandos. Para ele, a educação só faria sentido se considerasse um processo horizontal, ou seja, uma educação com e não para o homem.

Sendo, portanto, esse pensamento o marco de suas idéias, considerado o divisor de águas entre a educação alienante e sua proposta libertadora, tendo, inicialmente, como pano de fundo a dialética hegeliana e pensamento marxista. Paulo Freire acreditava que para que a sociedade alcançasse autonomia era necessário, antes de tudo, uma educação que considerasse o saber popular como ponto de partida visando à superação da submissão.

A respeito deste modelo de educação alienante, Paulo Freire (1977, p. 66) explica sua inquietação e apresenta seu conceito para educação bancária:



Desta maneira, a educação se torna um ato de depositar, em que os educandos são os depositários e o educador o depositante. Em lugar de comunicar-se, o educador faz comunicados e depósitos que os educandos, meras incidências, recebem pacientemente, memorizam e repetem. Eis aí a “concepção bancária da educação”, em que a única margem de ação que se oferece aos educandos é a de receberem os depósitos, guardá-los e arquivá-los.

A produção teórica de Paulo Freire, que o tornou célebre no mundo contemporâneo, focada na teoria do conhecimento, é sustentada por uma concepção dialética que acreditava que a educação é possível quando educandos e educadores aprendem juntos numa relação dialógica, num processo constante de trocas e aperfeiçoamento.

A essencialidade do pensamento de Paulo Freire está justamente na crença de que educar é impregnar-se de sentido, referindo-se à importância dada às experiências vivenciadas pelos educandos. Ele entendia a educação como uma arte.

Praticamente em toda sua obra, Paulo Freire em seus escritos e entrevistas, defende que a educação tem sua base no mundo da comunicação. Ele foi um dos pensadores que mais fomentou que não há como pensar em educação sem o diálogo, mas não um diálogo no vazio. Sendo este um de seus principais fundamentos e argumentos.

Esse diálogo de que tanto fala Paulo Freire se dá num processo claro, aberto e pautado na possibilidade de assunção e libertação daquele o chamou de ‘oprimido’. Para que o indivíduo possa se libertar das amarras de uma educação voltada para a manutenção classista, ou seja, uma educação libertária, libertadora, crítica e cidadã ele propunha uma educação que permitia ao educando uma leitura crítica e transformadora do mundo.

A educação transformadora de Paulo Freire considera, portanto, a conscientização e o diálogo. A conscientização no sentido de tomada de decisão e não apenas de tomar conhecimento. E o diálogo na relação horizontal entre as pessoas, que entende a aprendizagem como troca, que valoriza o saber de todos (educandos e educador), como ele afirmava, ‘ninguém educa ninguém, ninguém se educa sozinho, os homens se educam juntos, na transformação do mundo’.

E nesse processo educativo cada um tem a sua função: o saber do educando é valorizado, pois o mesmo não é uma tabula rasa; o saber do educador não pode ficar limitado ao saber do educando, deve ultrapassá-lo. É por isso mesmo que ele é o



educador. Freire defendia a comunicação como essencial para a prática educativa. Uma educação que conscientiza e liberta os oprimidos de sua condição de viver na ‘cultura do silêncio’⁶.

Enfim, para Paulo Freire, o operário, o proletário, o oprimido poderia liberta-se da injustiça, da miséria, do silêncio, somente através de uma releitura crítica da realidade, de sua consciência, de um pensamento autônomo encontrando assim um mundo de possibilidades, como por exemplo, à transformação da sociedade.

Durante o golpe militar no Brasil, ocorrido em meados da década de 1960, Paulo Freire, considerado um revolucionário e acusado de subversão, buscou exílio em outros países. Permaneceu exilado enquanto durou o regime militar (cerca de dezesseis anos). Suas idéias ganharam o mundo, porém o seu significado durante esse período não trouxe impacto relevantes ao sistema de ensino, naquela época, idéias revolucionárias como as de Paulo Freire não eram aceitas, a ditadura defendia e ditava as regras com orientações para outro um modelo de educação.

Paulo Freire não parou com sua luta por uma educação libertadora. A partir de sua práxis pedagógica, escreveu inúmeros livros. Ao retornar ao Brasil, Paulo Freire, dentre outras iniciativas importantes em sua carreira, escreveu e publicou outras obras, lecionou em Universidades e foi Secretário de Educação da cidade de São Paulo em 1989, participou da criação do Instituto Paulo Freire em 1992. Após sua morte, em 1997, foi criado um espaço online para o que o Instituto divulgue o pensamento freiriano: suas idéias ganharam, também, as ondas da Internet.

Toda trajetória de Paulo Freire o consagrou mundialmente como um dos poucos pensadores brasileiros que ganhou o mundo, considerado um dos maiores educadores do século XX, recebendo títulos, honras ao mérito, prêmios e homenagens de várias partes do mundo por onde andou com suas ideias humanistas, acreditando que educação é comunicação, é um ato político, e sua reflexão crítica da realidade, entendendo que assim o cidadão teria outras possibilidades, como por exemplo, de vir a transformar sua realidade e, conseqüentemente, a sociedade.

⁶ Paulo Freire em Medo e Ousadia (O Cotidiano do Professor) detalha ‘cultura do silêncio’. De acordo com ele, “a cultura do silêncio a que me refiro tem várias dimensões, inclusive uma reação agressiva dos alunos (...). A pedagogia oficial os constrói como personagens passivos-agressivos. Depois de anos em aulas com soníferas falas professorais, muitos se tornaram não-participantes (...). Esse retraimento do estudante pode ser simplesmente passivo ou pode ser um raivoso silêncio reprimido.” (1986, p. 148).



A COMUNICAÇÃO NO PROCESSO EDUCATIVO DE PAULO FREIRE

Sabe-se que a ‘comunicação’ vem do latim *communis* (comum). O ato de comunicar, de trocar informações e experiências, de defender ideias ou atitudes é o que torna o homem um ser social. A comunicação é, portanto, um elo fundamental entre os seres humanos. O homem tem o poder da comunicação em suas mãos: uns com maior e outros com menor capacidade de persuasão.

A comunicação possibilita ao homem contar suas histórias, suas angústias, suas culturas, suas conquistas e seu desenvolvimento desde os primórdios. É através dela que se pode (re)construir e vivenciar a sociedade, bem como projetar a humanidade para o futuro, a partir da interação e dos atos comunicativos.

Todavia, falar de ‘comunicação’ não é tarefa fácil, é bem mais complexo do que parece. Muitos estudiosos buscam, em diversas fontes, uma definição para o lugar da comunicação e daí surge uma gama variada de explicações e conceitos. E cada vez mais a humanidade dá valor ao ato de comunicar. Paulo Freire, em seu livro ‘Extensão ou Comunicação’, defende que ‘o mundo humano é, desta forma, um mundo de comunicação’.

Parece elementar que compreendamos que, para Paulo Freire, sem a comunicação o mundo humano, um lugar de interação, de trocas e de sociabilidade, não seria o mundo que vivemos. Freire sustentava a ideia de que através da problematização do homem no mundo, e vice-versa, os sujeitos tomam consciências de suas realidades podendo transformá-las.

E é essa compreensão de comunicação, segundo ele, que deve preparar o ser humano para lutar pela justiça social. Pois ela possibilita autonomia nos processos e atos educativos e, conseqüentemente, uma transformação social. Assim, é importante a compreensão de que cada vez mais há reflexões a partir dos pensamentos freirianos que não se detém somente no campo educativo.

O campo da Comunicação, por exemplo, é perceptível nas propostas de Paulo Freire. E embora Educação e Comunicação sejam áreas distintas e se ocupem de estudos individuais, a partir de seus objetos de pesquisas, é inevitável uma abordagem sobre os principais elementos que as colocam numa zona de interseção e de interesse em alguns momentos, no que tange as relações humanas. Como explicar a neutralidade entre elas?

Ambas aparecem num patamar de mesma importância no processo de transformação, mesmo que em graus distintos e/ou proporções diferentes (do ponto de



vista de quem interpreta). O fato é que ambas se complementam, se interagem, se dialogam e estão intrinsecamente ligadas. Há uma interdependência inerente neste processo, o que transcende a idéia de áreas isoladas ou simplesmente independentes.

Entendendo a comunicação como inerente à educação, no sentido mais amplo, é possível afirmar que a comunicação é o ponto de partida para a educação. Afinal, desde tempos mais remotos, a interação entre os seres humanos foi o que os definiu como seres sociais. Seres capazes de interagir, trocar idéias e experiências etc.

A sociabilidade acontece a partir das relações sociais, portanto, a comunicação deve ser entendida como de suma importância na centralidade da educação. Então, para que as práticas educativas sejam relevantes são fundamentais a participação e o diálogo.

CONCLUSÃO

O presente trabalho procurou apresentar um recorte pontual acerca do momento de formação dos paradigmas propostos no pensamento da Escola de Frankfurt (Teoria Crítica da Sociedade), bem como o pensamento do educador/comunicador brasileiro Paulo Freire (concepção crítica da realidade). Sabemos que essa reflexão teórica não se encerra aqui, esse é um começo de uma jornada de investigação que tem por objetivo analisar a comunicação e educação em Paulo Freire no Pensamento da Escola de Frankfurt.

O que se observa neste processo investigativo é que apesar de o pensamento frankfurtiano e o pensamento freiriano terem ocorridos em situações diferentes (em relação aos aspectos políticos, econômicos, sociais dentre outros), os desdobramentos do século XX foi singular para ambos. Deste modo, a pesquisa científica acadêmica pretende revisitar de modo mais profundo estas obras para compreender a similaridade dos pensamentos.

Devemos considerar que na sociedade moderna a comunidade se transforma no próprio laboratório permanente de pesquisa e observação. Nesta lógica, o tripé ensino – pesquisa – extensão tem função conjugada e permitirá ao aluno reconhecer que o espaço universitário dedicado à construção do conhecimento vai além de uma sala de aula, onde se realizam as aulas teóricas e além dos laboratórios, onde se realizam as aulas práticas. O espaço de aprendizado está em toda a sociedade e o aprendizado não necessita de local ou horário predeterminados pelas regras universitárias.



Os alunos devem enxergar o cotidiano como um grande laboratório, onde todo tipo de manifestação possa ser analisado, sob a ótica da ciência que se pesquisa e que se quer descobrir. O olhar deve ser crítico e o senso comum deve ceder lugar ao questionamento. No caso dos alunos de Comunicação Social, revistas, jornais impressos, internet, rádio, e televisão devem se constituir em material permanente de estudo. A opinião da grande massa não deve influenciar o jovem cientista em suas investigações, pelo contrário, deve servir de início para um novo questionamento.

A educação é a cada dia consolidada como fenômeno plurifacetado, ocorrendo em vários lugares, independente de serem institucionalizados. Isso significa que o indivíduo não aprende só na sala de aula; a pedagogia está na igreja, nos clubes recreativos, nas sociedades amigos de bairro, nos *shopping centers*, ou seja, a educação informal e não somente através da educação formal, proporcionada pela escola, pela universidade.

Braga e Calazans (2001, p.11) nos colocam que “É fácil encontrar tomadas de posição apriorísticas e proposições excludentes – no sentido de que, para valorizar uma alternativa, uma idéia, um processo, são recusados outros, construídos artificialmente como opostos”. Em outras palavras, para muitos, a educação informal seria o oposto da educação formal. Isso não é verdade.

A verdade é que as esferas sociais modernas, marcadas pela tecnologia educam. Se educam a partir de paradigmas preestabelecidos de educação, é um outro questionamento. Beillerot (1985) chama o fenômeno de “sociedade genuinamente pedagógica”.

Contudo, é importante destacar que conhecimento e educação não se reduzem a informação, se assim o fosse, poderíamos substituir todas as universidades por bibliotecas somente. A informação é o passo que antecede o conhecimento de forma indissociada. Para além destes, temos a consciência como conceito que complementa a apropriação de um saber.

Neste formato, todos os alunos, dentro de um mesmo propósito de pesquisa permanente sobre o desenvolvimento da sociedade frente aos conceitos de comunicação, trarão para a sala de aula elementos diferentes a cada encontro, capazes de transformar as teorias científicas em verdadeiros conceitos aplicados. “Onde quer que possa haver uma aprendizagem significativa buscando atingir intencionalmente objetivos definidos aí encontramos uma “aula universitária” (MASETTO, 1998, p. 85).



É importante observar a amplitude de ação que caracteriza os campos da educação e da comunicação. Independente das estruturas pedagógicas adotadas como forma de sistematização e institucionalização do processo de aprendizagem, tudo é educação, por conseguinte nenhum tema está fora das interações sociais, que compõem os processos de construção de sentidos fundamentais às atividades do homem enquanto ser social.

REFERÊNCIAS

BEILLEROT, J. **A sociedade pedagógica**. Porto: Rés, 1985.

BRAGA, J.L.; CALAZANS, M.R.Z. **Comunicação e educação: questões delicadas na interface**. São Paulo: Hacker, 2001.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

FREIRE, P. **Educação Como Prática da Liberdade**. 27ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003

_____. **Pedagogia do Oprimido**. 14ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

_____. **Extensão ou Comunicação?** 7ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

FREIRE, Paulo e SHOR, Ira. **Medo e Ousadia (O Cotidiano do Professor)**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

GADOTTI, M. (Org.). **Paulo Freire: uma bibliografia**. São Paulo: Ed. Cortez: Instituto Paulo Freire; Brasília; DF; UNESCO. 1996.

MASETTO, M.T. **Docência na universidade**. Campinas: Papirus, 1998.

MATOS, O. C. F. **A Escola de Frankfurt: luzes e sombras do iluminismo**. São Paulo: Ed. Moderna, Coleções logos. 1993.

SLATER, P. **A Origem e o Significado da Escola de Frankfurt**. Rio de Janeiro, Ed. Zahar, 1978.